

A construção da Ciência em dois jornais diários do estado de São Paulo: características da produção em Jornalismo Científico

Gabriella Zauith LEITE ¹

Luiza GRYNFOGIEL ²

Resumo

A ciência se constitui um corpo de procedimentos metódicos e de construções teóricas, além de desempenhar um papel fundamental na cultura contemporânea. O direcionamento da presente pesquisa é para o campo do Jornalismo Científico, e visa identificar como a ciência é representada pelas esferas jornalísticas. Serão apresentados resultados parciais da pesquisa parte do Projeto de Iniciação Científica. Foram catalogadas, durante o mês de abril de 2015, 126 notícias nos portais *on line* da Folha (Folha de S. Paulo) e Estadão (O Estado de S. Paulo), com identificação das temáticas, autores e uso de fontes de informação. A área de conhecimento mais abordada foi das biológicas (50%), seguido das exatas (32,53%). Das matérias, 25,4% foram publicadas em blogs e colunas. Observou-se que a prática do jornalismo científico exige a especialização dos jornalistas, atuantes no mercado, como demonstrado pela pesquisa.

Palavras-chave: Jornalismo Científico; ciência; Folha de S. Paulo; Estado de S. Paulo.

106

1 Doutora em Educação e mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela UFScar (Universidade Federal de São Carlos). Graduação em Jornalismo (Unaerp) e Pedagogia (Unigran). Professora do curso de Jornalismo no Centro Universitário Barão de Mauá, em Ribeirão Preto (SP).

2 Graduanda do curso de Jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá, em Ribeirão Preto (SP). Aluna do Programa de Iniciação Científica (PIC), do Centro Universitário Barão de Mauá.

Abstract

The science is a body of methodical procedures and theoretical constructs, and play a key role in contemporary culture. The direction of this research is for the Scientific Journalism field, and aims to identify how science is represented by journalistic spheres. Partial results will be presented the research part of the Undergraduate Research Project. Were cataloged during the month of April 2015, 126 news portals in the online Folha (Folha de S. Paulo) and Estadão (O Estado de S. Paulo), with identification of themes, authors and use of sources of information. The most covered area of knowledge of the biological was (50%), followed by accurate (32.53%). Of the subjects, 25.4% were published in blogs and columns. It was observed that the practice of science journalism requires the specialization of journalists operating in the market, as demonstrated by research.

Keywords: Scientific journalism; science; Folha de S. Paulo; Estado de S. Paulo.

Jornalismo científico no Brasil em seu recente histórico na pesquisa

A ciência se constitui um corpo de procedimentos metódicos e de construções teóricas, além de desempenhar um papel fundamental na cultura contemporânea. Em grande medida, é no discurso científico que a sociedade ocidental espera encontrar as respostas para inúmeras inquietações e perguntas que emergem da nossa condição histórica atual (MONTI *et al*, 2014).

O estudo sobre divulgação da ciência é de extrema importância para a sociedade atual, pois trata de uma área do saber da qual dependemos para promoção de pesquisas relacionadas à saúde e cura de doenças, discussões sobre temas em destaque na sociedade, tecnologias para o nosso cotidiano, progressos na computação e informática e nos meios de comunicação.

Jornalistas, cientistas e divulgadores científicos cumprem o papel de socializar o conhecimento científico por intermédio da imprensa, das escolas, de programas de rádio e televisão, e da internet principalmente. O avanço das tecnologias propiciou uma nova forma de construção e divulgação do conhecimento. O tempo da notícia passa a ser imediato, de alcance global, diferente do tempo da ciência atrelado às pesquisas,

publicações e resultados. Outra característica é a possibilidade de autoria com a criação de blogs sobre os mais variados temas, entre eles temas de ciência, como parte da cultura de conhecimento (MONTI et al, 2014).

Este artigo aborda a temática do Jornalismo Científico, a qual está inserida num campo conceitual amplo, cujos significados se interpõem e complementam. A proposta é transitar pelos conceitos sobre divulgação científica, os quais formam uma teia de significados, e remetem ao caminho do conhecimento científico originado dos centros de pesquisas e universidades até chegar ao grande público. Divulgação científica, vulgarização científica, comunicação científica, difusão científica, disseminação científica, cultura científica, jornalismo científico, educação científica, alfabetização científica, popularização da ciência e percepção/compreensão/comunicação pública da ciência são termos encontrados na recente bibliografia nacional sobre o assunto. Cada qual é utilizado preferencialmente por autores e linhas de pensamento. Alguns são sinônimos, mas ao final todos se complementam ao se reportarem à ideia inicial de transmitir a ciência, o conhecimento científico para a população leiga - seja por meio de publicações científicas, de congressos, instituições de pesquisa, do jornalismo e meios de comunicação de massa, museus de ciências, programas de televisão e rádio, da arte e literatura.

Os primeiros trabalhos de divulgação científica no Brasil surgem com Euclides da Cunha, Miguel Ozório de Almeida e José Reis. Oliveira (2005) considera a obra de Euclides da Cunha marco inicial da divulgação científica no Brasil, com a publicação do livro "Os Sertões". Jornalista a serviço do jornal O Estado de S. Paulo, Euclides da Cunha cobriu, em 1897, a guerra de Canudos, no interior da Bahia. Suas viagens resultaram em inúmeras anotações contando aspectos ambientais, discutindo as variações do clima e da vegetação, que o levaram a publicar o livro cinco anos depois.

Já na década de 1920, no Rio de Janeiro, em particular, houve um aumento significativo nas iniciativas de divulgação científica. A difusão de informações de conteúdo científico e educativo era realizada em jornais, revistas e livros, conferências abertas ao grande público, e por meio do rádio, na Radio Sociedade. O destaque é para *A Vulgarização do saber*, talvez o primeiro livro a discutir o papel e as dificuldades da atividade de "vulgarização" da ciência no país, de autoria de Miguel Ozorio de Almeida (MASSARANI, 1998).

Nas décadas seguintes, José Reis (1907-2002) inicia suas atividades como divulgador, conferindo o título de patrono da divulgação científica no Brasil. Com formação na Faculdade Nacional de Medicina (na Praia Vermelha, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ) e no Instituto Oswaldo Cruz, Reis tornou-se um dos maiores especialistas em doenças de aves. Mas foi como divulgador científico e jornalista que trilhou sua trajetória, com destaque para coluna semanal que escreveu na Folha de S. Paulo, de 1947 até o final de sua vida, em 2002. Além da redação de artigos, Reis também atuou como chefe de redação deste jornal.

Reis encarava como uma missão a tarefa de divulgar ciência. Fazia grande esforço em traduzir o jargão científico, para favorecer seu entendimento. Criou feiras e clubes de ciência e escreveu livros para crianças e jovens. Dizia que a criança e o jovem são cientistas em potencial, tão grande a tendência que manifestam por entender como as coisas são e funcionam (KREINZ; PAVAN, 1999).

Por divulgação, Reis entende como o trabalho de comunicar ao público, em linguagem acessível, os fatos e princípios da ciência, dentro de uma filosofia que permita aproveitar o fato jornalisticamente relevante como motivação para explicar os princípios científicos, os métodos de ação dos cientistas e a evolução das ideias científicas. Ou seja, familiarizar esse público com a natureza do trabalho da ciência e a vida dos cientistas (KREINZ; PAVAN, 1999). Para Reis (2006), a divulgação científica é uma atividade útil e necessária,

[...] que mereceria apoio ainda maior do que já tem, que justificaria muito maior empenho a fim de tornar cada vez menor o desperdício de informação científica, que hoje é muito grande. Numerosas são as barreiras que se interpõem entre a descoberta e o conhecimento científico, de um lado, e sua comunicação e absorção pelo público de outro, barreira do próprio conhecimento limitado do cientista, da linguagem, do segredo profissional, da imprimibilidade, barreira natural do auditório (REIS, 2006, s/p).

Quanto aos conceitos de difusão científica, Pasquali (1978) preocupa-se em fazer a distinção: difusão é o envio de mensagens elaboradas em códigos ou linguagens universalmente compreensíveis para a totalidade das pessoas - o qual incorpora a divulgação científica, disseminação científica e jornalismo científico. Disseminação é o envio de mensagens elaboradas em linguagens especializadas, ou seja, transcritas em

códigos especializados, a receptores selecionados e restritos, formado por especialistas. Pode ser feita intrapares (especialistas da mesma área) ou extrapares (especialistas de áreas diferentes). E divulgação é o envio de mensagens elaboradas mediante a transcodificação de linguagens, transformando-as em linguagens acessíveis, para a totalidade do universo receptor.

Bueno (1984) afirma que a divulgação científica "pressupõe um processo de recodificação, isto é, a transposição de uma linguagem especializada para uma linguagem não especializada, com objetivo de tornar o conteúdo acessível a uma vasta audiência". Para ele, a divulgação científica usaria, portanto, recursos, técnicas e processos para veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público geral. A divulgação científica inicia-se nos órgãos governamentais, responsáveis pelo planejamento e distribuição dos recursos e, principalmente, na comunidade científica. E inclui o jornalismo científico, os livros didáticos, as aulas de ciências do segundo grau, os cursos de extensão para não especialistas, histórias em quadrinho, suplementos infantis, campanhas de educação (saúde e higiene), documentários, programas de rádio e televisão.

Segundo Epstein (2002), a transmissão do conhecimento científico é também conhecida por um processo com produtores (da informação científica), divulgadores e o público, a partir da comunicação primária e secundária. Os produtores são os pesquisadores, cientistas e suas comunidades, as quais possuem regras e códigos próprios. A comunicação primária é aquela que se dirige aos colegas da mesma especialidade, com conceitos e linguagens específicas. E a comunicação secundária ou popularização do conhecimento científico tanto pode ser efetuada por meio do divulgador, mediador entre o cientista e o público, como pelo próprio cientista, o qual assume o papel de divulgador.

Vogt (2003) apresenta a expressão cultura científica como mais adequada, a qual englobaria todas as outras expressões utilizadas. E discorre a ideia que o processo do desenvolvimento científico é cultural, seja considerado do ponto de vista de sua produção, de sua difusão entre pares ou na dinâmica social do ensino e da educação. Ou ainda do ponto de vista de sua divulgação na sociedade, como um todo, para estabelecer relações críticas necessárias entre o cidadão e os valores culturais, de seu tempo e história. E a apresenta de uma forma dinâmica, com a "espiral da cultura científica".

Jornalismo e Ciência

O Jornalismo Científico configura-se como uma prática jornalística, atrelado à sua configuração contemporânea na sociedade capitalista. É fruto, portanto, de duas peculiaridades. Na primeira se configura como sensacionalista, quando compõe a notícia como um despertar de emoções do público. “Aquela que ocorre nos laboratórios de pesquisa, que, por sua vez, só se torna notícia quando desperta sensação”. E a atomização, em que é percebido não em sua totalidade, mas em fragmentos como política, economia, esportes, ciências, entre outros (MELO, 2006, p.116)

Segundo Marques de Melo (2006), o jornalismo científico praticado como “limitado, moldado e conduzido por diretrizes ideológicas”, o qual cita algumas características funcionais:

- a) Mitologia da ciência – Trata a ciência a partir da sacralidade da investigação científica e coloca o cientista no topo do Olimpo (...);
- b) Neutralidade da ciência – ao almejar fatos e não processos alimenta a ideia da neutralidade da ciência. A ciência aparece como algo independente, autônomo, não sendo apresentada como ação para a produção do conhecimento que depende das demais instâncias da sociedade;
- c) Preconceito de ciência – Decorrente de peculiaridades anteriores e da própria configuração que a ciência adquire na sociedade capitalista (geradora de tecnologia para reprodução do capital), o jornalismo científico tem sido entendido e praticado como divulgador de fatos ligados às ciências básicas – Física, Química, Biologia - e às ciências aplicadas – engenharia, Medicina, Agronomia, deixando de lado as ciências humanas (MELO, 2006, p.116).

Numa visão semelhante, Bueno (1984) conceitua o jornalismo científico como um caso particular de divulgação científica. O qual cumpre seis funções básicas: informativa, educativa, social, cultural, econômica e político-ideológica, Melo (2006) complementa dizendo que deve ser uma atividade principalmente educativa, dirigida à grande massa da

nossa população, e não apenas à sua elite. Deve despertar o interesse pelos processos científicos, e não apenas pelos fatos isolados e seus personagens. Discutir a política científica, conscientizando a população que paga impostos para participar de decisões sobre o destino de recursos, os quais priorizam a produção do saber.

Segundo Oliveira (2005), um novo jornalista deverá surgir, possuindo uma visão crítica da ciência. Deve-se romper com a cultura de ‘papagaios de cientistas’, derrubar o estigma do cientista e desmistificar a imagem maniqueísta do senso comum da ciência.

No mercado editorial destacam-se as revistas “Ciência Hoje” (SBPC), “Superinteressante”, “Planeta”, “Galileu”, “Globo Rural” e “National Geographic”. Já a revista “Pesquisa Fapesp”, criada em 1999, desde 2002 é vendida em bancas de jornal. A “Scientific American Brasil”, fundada em 2001 pela Duetto Editorial, faz parte de um grupo internacional de publicações, editada em 20 países. A revista, em atividade desde abril de 1845, tem divulgado importantes descobertas científicas e invenções tecnológicas responsáveis pelo progresso da humanidade. Mais recentemente o mercado editorial ampliou suas opções com as revistas de variadas áreas do conhecimento como “Psiquê”, “Sociologia”, “Filosofia” e “Mente e Cérebro”.

No jornalismo diário, os jornais possuem editorias específicas para cobertura de ciência, sendo encontrada em diversas seções como ciência e tecnologia, saúde e ambiente. No estado de São Paulo, portais dos jornais como a *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo* possuem cadernos e editorias especializadas, assim como blogs e colunistas que cobrem a área com exclusividade.

A construção da ciência e suas temáticas no Jornalismo Científico

O presente artigo apresenta resultados parciais referente à pesquisa de Iniciação Científica nomeada “A construção da Ciência e Cultura por meio da internet. Pesquisa e análise dos referenciais teóricos utilizados na internet em blogs, sites e jornais *on line*: a distância entre o espaço acadêmico e o senso comum”, apresentado para linha de pesquisa História, Filosofia, Psicologia, Jornalismo e Biologia no Programa de Iniciação

Científica (PIC), do Centro Universitário Barão de Mauá, de Ribeirão Preto (SP). A pesquisa surge da confluência de cinco áreas do conhecimento: história, jornalismo científico, filosofia, psicologia e biologia. Cada uma dessas áreas lida com objetos distintos e se serve de métodos específicos na construção do conhecimento. No entanto, todas elas estão ligadas, direta ou indiretamente, ao campo das práticas científicas (MONTI *et al*, 2014).

O direcionamento da presente pesquisa é para o campo do Jornalismo e visa identificar como a ciência é representada pelas esferas jornalísticas. O objetivo é refletir sobre o conhecimento do jornalismo junto ao conhecimento científico e como ele interfere no desenvolvimento da sociedade. Identificar como a ciência e a cultura são apropriadas pelo público leigo e pela prática jornalística. Para coleta de dados foram registradas informações em jornais, blogs e sites na web e na segunda etapa será identificado o quadro conceitual, relacionada à área de conhecimento. O objetivo é verificar as temáticas relacionadas à ciência e cultura, bem como análise posterior de seus conceitos e paradigmas nas áreas do conhecimento (MONTI *et al*, 2014).

A metodologia consiste em cinco etapas. A primeira etapa foi a seleção de sites ligados ao jornalismo e divulgação científica, seguindo critérios preestabelecidos pelas áreas citadas. Na segunda, foram criadas categorias e temas, a partir de um mapeamento dos conteúdos abordados em um período específico. Na terceira etapa foram feitas a identificação, busca e análise dos resultados coletados. Na última etapa será feito o mapeamento e articulação entre o material coletado por cada área.

O objetivo é verificar como a ciência está sendo representada na esfera do jornalismo. A partir do mapeamento realizado durante a pesquisa será possível avaliar características da produção jornalística e do conteúdo da editoria de Ciência de dois jornais de abrangência nacional. Foram avaliadas as seções de ciência dos portais³ *online* dos jornais *O Estado de S. Paulo* (Estadão) e *Folha de S. Paulo* (Folha), no período

³ A pesquisa foi realizada nos portais da Folha (<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/?cmpid=menulate>) e Estadão (<http://ciencia.estadao.com.br/>).

do dia 1 de abril de 2015 a 30 de abril de 2015, incluindo publicações de jornalistas em blogs e colunas e de agências de notícias nacionais e internacionais.

A coleta de dados foi determinada por categorias inseridas numa planilha *Excel*, contendo os campos: “data”, “veículo de informação”, “gênero⁴”, “editoria”, “título”, “autor (es)”, “crédito”, “área de conhecimento”, “tema”, “lead”, “fontes”, e “links”. As áreas de conhecimento foram definidas partindo da Comissão Especial de Estudos (CNPq, CAPES, FINEP): Biológicas (Ciências Biológicas); Exatas (Ciências Matemáticas e Naturais), Engenharia (Engenharias e Computação); e Humanas (Ciências Humanas). Também foram caracterizadas as matérias em Política e Pesquisa Científica. Quanto aos gêneros/formatos foram designados em coluna (C), blog (B) ou notícia (N).

Os resultados obtidos somam 126 publicações do conteúdo *online* de ambos os jornais, nos quais 69,84% (88 textos) são de autoria da *Folha* e 30,16% (38) do *Estadão*.

Em ambos os jornais a editoria de ciência está agrupada em notícias, blogs e colunas que abordam exclusivamente a área científica. No *Estadão*, há o blog *Imagine Só!*, de Herton Escobar, em atividade desde 2008. Herton é repórter de ciência e meio ambiente do jornal *O Estado de S. Paulo* desde 2000. Foi bolsista do Programa de Jornalismo Científico do *Marine Biological Laboratory* (MBL), em *Woods Hole*, e da *Knight Science Journalism Fellowship*, um programa do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) em parceria com a Universidade Harvard. E a coluna de Fernando Reinach, formado em Biologia, professor titular de seu departamento na Universidade de São Paulo (USP), com doutorado na *Cornell University Medical College*, nos Estados Unidos. É autor do livro “A longa marcha dos grilos canibais - E outras crônicas sobre a vida no planeta Terra”.

Na *Folha*, na editoria Ciência existem três blogs: de Reinaldo José Lopes, Maurício Tuffani e Salvador Nogueira, e três colunistas: Rafael Garcia, Reinaldo José Lopes e Marcelo Leite. O blog *Darwin e Deus*, “Um blog sobre teoria da evolução, ciência, religião e a terra de ninguém entre elas”, é de autoria de Reinaldo José Lopes, que também possui uma coluna no portal. Reinaldo é jornalista de ciência desde 2000 e foi editor do

4 Como gênero informativo, os registros foram classificados no formato de notícia, o qual inclui a entrevista, e como gênero opinativo como blog e coluna, de acordo com a classificação de Marques de Melo (2009).

caderno Ciência+Saúde. É autor dos livros *Além de Darwin* e *Os 11 Maiores Mistérios do Universo*. Maurício Tuffani possui o blog homônimo, sobre “Ciência, cultura, ensino superior e ambiente”, é jornalista especializado em ciência, educação e meio ambiente e editor-chefe da revista *Scientific American Brasil*, após ter sido redator-chefe e editor-chefe da revista “Galileu” (Editoria Globo), fundador e diretor editorial da revista “Unesp Ciência”. Salvador Nogueira é autor do blog *Mensageiro Sideral* “De onde viemos, onde estamos e para onde vamos”, é jornalista de ciência e autor de oito livros, dentre os quais “Extraterrestres”. O jornalista Rafael Garcia migrou de seu antigo blog “Teoria de tudo” (em atividade de 2011 a 2015), para sua coluna. Foi bolsista do programa Knight de jornalismo científico no *Massachusetts Institute of Technology*, e foi editor-assistente na versão brasileira da revista *Scientific American*. E de Marcelo Leite, repórter especial da Folha, onde iniciou sua carreira em 1986. Atualmente é editor de Opinião da Folha, onde também já atuou como ombudsman e editor de Ciência. É especialista em jornalismo científico como bolsista da Fundação Krupp na Alemanha (1989-90), e autor de mais de 10 livros, dentre eles *Folha Explica Darwin* e *Ciência - Use com Cuidado*.

115

O resultado total (Quadro 1), a área de conhecimento foi dividida entre Biológicas (50%), Exatas (32,53%), Engenharias (7,14%) e Humanas (1,59%). O tema mais abordado foi astronomia, seguido de saúde, ecologia e paleontologia.

Quadro 1: Áreas do conhecimento e temáticas abordadas

Áreas	Folha	Estadão	Corpus total
Biológicas			
	Saúde (11)	Saúde (2)	Saúde (13)
	Ecologia (8)	Ecologia (4)	Ecologia (12)
	Paleontologia (5)	Paleontologia (7)	Paleontologia (12)
	Genética (6)	Genética (2)	Genética (8)
	Biologia (4)	Biologia (2)	Biologia (6)

	Zoologia (4)	Zoologia (2)	Zoologia (6)
	Microbiologia (2)	-	Microbiologia (2)
	Evolução (2)	-	Evolução (2)
	Biotecnologia (1)	-	Biotecnologia (1)
	Geologia (1)	-	Geologia (1)
Exatas			
	Astronomia (23)	Astronomia (12)	Astronomia (35)
	Física (4)	Física (1)	Física (5)
	Química (1)	-	Química (1)
Engenharias			
	Tecnologia (6)	Tecnologia (3)	Tecnologia (9)
Humanas			
	Arqueologia (2)	-	Arqueologia (2)
Total	80	35	115

As 11 matérias restantes (8,74%) foram classificadas em Pesquisa e Política Científica (Quadro 2). Essas matérias mostram uma ressonância com a área política, utilizando fontes oficiais, do poder executivo e legislativo. Destaque para os temas de financiamento de pesquisas e as aprovações de leis e como a matéria de Isadora Peron sobre a Lei da Biodiversidade, que tem por objetivo diminuir a burocracia para a realização de pesquisas científicas com recursos genéticos brasileiros ou que usem conhecimento de povos tradicionais. E a referente à reprodução assistida no Brasil, temas vitais e que garantem perspectiva e desenvolvimento da pesquisa brasileira.

Quadro 2: matérias classificadas em Pesquisa e Política Científica.

Título matéria	Crédito
Sobe para 235 a lista de 'predatórios' na pós-graduação brasileira	Blog Maurício Tuffani (Folha)
Opiniões contra a PEC do diploma de jornalismo	Blog Maurício Tuffani (Folha)
O Qualis e o silêncio dos pesquisadores brasileiros	Blog Maurício Tuffani (Folha)
Governo anuncia primeiro contrato entre BNDES e associação indígena	Aguirre Talento (Folha)
EUA querem atrair investidor brasileiro, diz gerente da Nasa	Salvador Nogueira (Folha)
Carlos Nobre será o novo presidente da Capes	Flávia Foreque (Folha)
Falta de leis atrapalha reprodução assistida no Brasil, dizem especialistas	Folha de S. Paulo
Brasil vai cancelar acordo com Ucrânia para lançar foguetes	Natuza Nery e Igor Gielow (Folha)
MCTI deverá pedir empréstimo no exterior para compensar cortes, diz Aldo Rebelo	Fábio de Castro (Estadão)
Senado aprova texto que agiliza pesquisa com recursos genéticos	Isadora Peron (Estadão)
Brasil desiste de construção de foguetes, mas não avisa Ucrânia	Tânia Monteiro (Estadão)

Das 38 publicações do *Estadão*, 34 (89,48%) foram notícias e quatro (10,52%) hospedadas no blog *Imagine Só!*, de Herton Escobar. Suas matérias também foram na área de biológicas, com os temas de ecologia, biologia e paleontologia. Fábio de Castro publicou 20 matérias da área de biológicas, com os temas em sua maioria em astronomia e paleontologia. Fábio é jornalista atuante há 11 anos na cobertura de ciência, meio ambiente e saúde, e foi por seis anos editor da Agência FAPESP.

Das 88 publicações da *Folha*, 61 (69,31%) foram notícias, 19 (21,60%) hospedadas em blogs e oito (9,09%) em colunas. Na *Folha* os autores foram, em primeiro lugar, Salvador Nogueira (16), seguido de Reinaldo José Lopes (9), Gabriel Alves (5), Maurício Tuffani (4), Rafael Garcia (3) e Marcelo Leite (3), seguido de Aguirre Talento, Denis Russo Burgierman, Fabiano Maisonnave, Flávia Foreque, Gabriel Malta, Gabriela Guerreiro, Natalia Cancian, Giuliana Miranda, Ricardo Miotto, Julio Abramczyk, Natália Cancian, Natuza Nery, Igor Gielow, Ranier Bragon e Sofia Fernandes.

Quanto a publicação de matérias de agências de notícias, o *Estadão* utilizou em sete matérias (18,42%) agências internacionais: Agence France-Presse (AFP), seguida da EFE, AP (Associated Press) e Reuters, do Pacif Daily News. A *Folha* utilizou em 13 matérias (23,86%), sendo elas a British Broadcasting Corporation (BBC Brasil), Reuters e AP. Além de matérias do The New York Times e uma da agência Da Vice.

É possível exemplificar alguns temas inusitados, como na matéria “Sinais de supercivilizações?”, publicada pela *Folha* no dia 16 de abril, por Salvador Nogueira, em seu blog. Foi catalogada na área de Exatas, com o tema astronomia. O assunto abordado comenta sobre um estudo recém-concluído sobre a pesquisa G-HAT, sigla para *Glimpsing Heat from Alien Technologies* (tradução livre para Detectando Calor de Tecnologias Alienígenas). Contudo, os resultados não são conclusivos e as anomalias encontradas podem ser fruto de algum processo natural.

Na área de Biológicas, com o tema arqueologia, pode ser ressaltada a matéria “Garoto de sete anos encontra primo vegetariano do *Tiranossauro Rex*”, publicada pela *Folha*, no dia 20 de abril, por Reinaldo José Lopes. O assunto abordado é sobre um garoto de sete anos, Diego Suárez, filho de geólogos, que encontrou um fóssil de um dinossauro herbívoro, nomeado como *Chilesaurus Diegosuarezi*, parente de carnívoros, como *Tyrannosaurus Rex* e *Velocipator*.

Com o tema política, vale ressaltar a matéria publicada em *Estadão*, em 17 de abril de 2015, acerca dos planos do MCTI para driblar os cortes orçamentários na pasta. De acordo com o artigo, o ministro Aldo Rebelo planeja incluir a pasta nos investimentos do PAC e estuda a possibilidade de recorrer a empréstimos estrangeiros para suprir as necessidades financeiras do Ministério.

Contabilizando as 126 matérias coletadas, apenas seis correspondem ao mesmo tema nos jornais *Folha* e *Estadão*. A primeira aborda sobre o acelerador de partículas LHC, que voltou a funcionar após dois anos de manutenção. Outro assunto que transita por ambos os veículos de informação é sobre o cancelamento do acordo entre o Governo Federal e o Governo da Ucrânia, que viabilizava o lançamento de foguetes ucranianos com satélites comerciais da base de Alcântara, no Maranhão.

A terceira matéria em comum entre os jornais é sobre a descoberta do canibalismo entre a espécie de dinossauros *Daspletossauro*, realizada pelos cientistas Dave Hone, da Universidade de Londres e Darren Tanke, do Museu Real de Tyrrel, no Canadá. A quarta matéria fala sobre um foguete, não tripulado, da fabricante SpaceX, que teve dificuldades para pousar em uma plataforma no oceano.

A quinta matéria apresenta o experimento realizado por cientistas japoneses, que sugere que cães e donos tenham o mesmo mecanismo instintivo de ligação que reforça o vínculo entre mães e filhos. A sexta publicação tratou sobre o aniversário de 25 anos do telescópio Hubble.

Entre todas as matérias publicadas, apenas as seis citadas acima abordam os mesmos assuntos, utilizam as mesmas fontes. Um exemplo de matérias semelhantes nos dois jornais é a sobre o acelerador de partículas LHC, que foi religado após dois anos parado para manutenção. A publicação da *Folha* resume o assunto, diferente do *Estadão*, que descreve com mais detalhes o experimento, valor e tempo para que o acelerador fosse projetado e produzido, suas características e possíveis problemas, além de utilizar mais fotos para apresentar o produto aos leitores.

A utilização de fontes nacionais foi feita em 40 matérias (31,74%). Foram utilizadas como fontes pesquisadores da USP (Universidade de São Paulo), UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), UNESP (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"), UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense), UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo), Universidade Federal do Triângulo Mineiro e FGV (Fundação Getúlio Vargas). Assim como associações e

ONGS, como Greenpeace, e órgãos de pesquisa privados como o Observatório SONEAR. Das 40 matérias, 16 (40%) utilizaram fontes do governo, além da presidente Dilma Rousseff, ministérios e entidades como Ibama, Embrapa, Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), AEB (Agência Espacial Brasileira) e o CBPF (Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas).

Considerações Finais

Resultados parciais da presente pesquisa mostram, no período estudado, que as matérias sobre ciência possuem algumas características que podem ser listadas. Nos portais *on line* da *Folha* e *Estadão*, a editoria de ciência é dividida entre notícias e textos publicados em blogs e colunas. Enquanto o *Estadão* possui apenas um colunista e um blog, a *Folha* possui três blogs e três colunistas, o que explica o maior número de registros.

Outra questão que pode ser observada é que os jornalistas que cobrem a área são especializados e possuem uma carreira voltada para a temática, com formação específica, atuantes no mercado como repórteres e editores de revistas científicas. Quanto a utilização de fontes, são utilizadas fontes nacionais oficiais em 40% das matérias, diretamente do governo, como aparecem na fala da presidente Dilma Rousseff e de seus ministros, e de forma indireta, por meio de entidades governamentais como Ibama, Embrapa e centros de pesquisa.

Dentre as temáticas mais abordadas, as biológicas e exatas predominam, fato comprovado pelas áreas em destaque: saúde, ecologia e paleontologia, seguido de astronomia. Dados em acordo com a afirmação de Marque de Melo, quando afirma que o jornalista é um divulgador de fatos ligados às ciências básicas, deixando de lado as ciências humanas. Já as matérias classificadas em Pesquisa e Política Científica mostram que a temática científica possui uma ressonância na área política, vital para garantir a perspectiva e manutenção da pesquisa brasileira.

Referências

ALBAGLI, S. Divulgação Científica: Informação Científica Para a Cidadania? **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, p. 396-404, 1996.

BURKETT, W. **Jornalismo Científico**. São Paulo, Forense Universitária, 1990.

EPSTEIN, I. **Divulgação Científica**: 96 verbetes. Campinas, SP: Pontes, 2002.

FOLHA DE S. PAULO. **Folha Digital**. Seção Ciência. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/?cmpid=menulate> .Acesso em: 1 maio 2014

MELO, Marques de. **Teoria do Jornalismo**: Identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

MELO, Marques de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**: o estado da questão. *Anais. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Curitiba*: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009.

KREINS, G.; PAVAN, C. **O desenvolvimento científico no Brasil**. São Paulo. NJR, 2000.

MASSARANI, L. A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20. **Dissertação de Mestrado UFRJ**. Rio de Janeiro, 1998.

MONTI, Carlo Guimarães; LOPES, Gabriella Zauith Leite; CALSANI, Rodrigo de Andrade;

MENDONÇA, Ricardo Alexandre Coimbra de. **A construção da Ciência e Cultura por meio da internet**: Pesquisa e análise dos referenciais teóricos utilizados na internet em blogs, sites e jornais on line: a distância entre o espaço acadêmico e o senso comum. Projeto apresentado para a constituição da linha de pesquisa História, Filosofia, Psicologia, Jornalismo e Biologia no programa de Iniciação Científica (PIC). Ribeirão Preto: Centro Universitário Barão de Mauá, 2014.

OLIVEIRA, F. de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2005.

O ESTADO DE S. PAULO. **Estadão - edição digital**. Seção Ciência. Disponível em: <http://ciencia.estadao.com.br/>. Acesso em: 1 maio 2014

TEIXEIRA, Mônica. Pressupostos do jornalismo de ciência tal como é praticado no Brasil e suas repercussões no modo da cobertura. **Parcerias Estratégicas**. N.13. Dez. 2001.

VERAS JUNIOR, José Soares de. Da informação ao conhecimento: o jornalismo científico na contemporaneidade. Dissertação defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2005. In **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação da Universidade Beira Interior**. Disponível: www.bocc.ubi.pt

VOGT, C. A espiral da cultura científica. In *Cultura Científica*, revista eletrônica **ComCiência** (SBPC/Labjor), n. 45, julho 2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/framereport.htm>

Recebido em: 03 de Agosto de 2015
Publicado em: 28 de setembro de 2015